

ame - p11
Aliados na coerência

30. OUT 1987

Villas-Bôas Corrêa



Os desafeitados ex-parceiros da Aliança Democrática acabam de tomar, cada um no seu canto, decisões perfeitamente coerentes com a vocação de cada um: o PMDB, na batida do escapismo, das fugas às responsabilidades e compromissos, curvou-se uma vez mais à evidência de que nada pode decidir para não expor a nu as fraturas internas dissimuladas pelo gesso e ataduras e cometeu a extraordinária proeza de conservar como líder da bancada o deputado-ministro Luiz Henrique. Para escafeder-se do voto, consumiu quatro horas de edificantes debates, durante as quais foram esgrimidos os argumentos mais fantásticamente extravagantes. Um deles, que não valia a pena eleger um líder para mais três ou quatro meses — os meses decisivos das articulações, debates e votações da Constituinte. Para a escassa serventia do fingimento regimental do exercício de liderança de uma legenda de ficção, bastava o vice, investido no gozo da interinidade.

Mas, enquanto o PMDB acelerava as passadas para fugir de si mesmo, o PFL deliberava permanecer no governo.

Ora, ridículos à parte, ambos agiram com prudência e sabedoria. E, se é duro suportar a galhofa desgastante e que apenas junta mais uma decepção e uma anedota ao duro julgamento público da atividade política, PMDB e PFL cuidaram de salvar a pele evitando expô-la aos riscos de queimaduras na soleira de meio-dia da crise, em plenos solavancos de uma fase de ameaçadoras turbulências.

Se o PMDB não necessita de líder e já dispõe de três, além do dr Ulysses, o superacumulador de cargos e funções, para que escolher entre ambições menores, colocadas nos subúrbios da legenda? Afinal, embolando na liderança, trombando a cada curva do caminho, transitam o deputado Carlos Sant'Anna, uma baiano credenciado pelo presidente José Sarney, além dos senadores Mário Covas, que vem aí, de coração safenado, com gana represada em meses de ausência compulsória, e o paulista Fernando Henrique Cardoso, transbordando do Senado para a atuação no palco solene da Constituinte.

Se o PMDB não tem o que dizer como partido, se a omissão consolidou-se como a linha oficial do partido, pelo voto da última e surrealista Convenção Nacional e vem sendo obedecida com escrupulosa fidelidade pelo múltiplo dr Ulysses, quanto menos porta-vozes, melhor.

Partido que vota reformas timidamente defendidas pelo presidente Sarney e encalha no mais desastroso imobilismo necessita disfarces, plásticas, máscaras, maquiagem para não ser reconhecido pelo eleitor e cobrado. Um vice-líder sempre poderá desculpar-se, alegando que não é o titular, está ali

apenas como um tapa-buraco, lenço guardando a cadeira do dono que foi lá fora, dar uma de ministro da Ciência e Tecnologia.

É possível que o PMDB tenha inaugurado um modismo ajustado às suas conveniências. Daqui por diante, nada de eleger ninguém para nada. A legenda adotou a interinidade como norma, saudável prática que elimina competições e contorna a maçada da escolha.

Se o PMDB andou certo, o PFL, certíssimo. Não fazia sentido o partido do ministro Aureliano Chaves torcer a natureza e bandear-se para a oposição, entregando o governo, na bandeja, ao PMDB.

Sejamos razoáveis e lógicos. O PFL não mereceu do eleitorado a divisão do prêmio do cruzado e o seu cacife em votos é modesto, principalmente se comparado com o do PMDB, o grande beneficiário da mágica do Funaro. Mas é até decoroso não insistir no argumento. PMDB e PFL foram sócios de uma mesma fraude. A sorte foi ingrata e injusta e não partilhou igualmente os dividendos.

Depois, o presidente Sarney não retirou dos resultados das eleições as suas conseqüências naturais. Ignorou a contagem dos votos e preferiu conservar o Ministério, misturando vitoriosos e derrotados no mesmo balaio herdado do presidente Tancredo Neves.

Sair agora seria imprudente e desassissado. Para o presidente Sarney, nada pior do que a perspectiva da submissão total ao PMDB, às exigências blandiciosas do dr Ulysses, cada vez mais investido na função de fiscal do governo e avalista dos cargos abocanhados pelo seu partido.

Se a transição já anda mal, nova crise corroendo a frágil base de sustentação do governo multiplicaria receios e angústias. Nada mais importante e urgente do que chegar ao fim do processo, fechando o ciclo com a promulgação da futura Constituição e definindo o amanhã. Do sistema de governo ao mandato de Sarney, do modelo de transição às mudanças que não aconteceram.

Há um outro raciocínio de intocável conclusão. O PFL denunciou a Aliança Democrática, com o gesto de quem, tapando o nariz, aponta às autoridades sanitárias o cadáver em decomposição. E abriu espaços para o presidente Sarney ousar reformas, remodelar o Ministério, cortar gorduras da burocracia, tentar o salto do governo novo na hora crucial das definições da Constituinte. Mas o PMDB embaraçou reformas, o dr Ulysses opôs as ponderações de que era melhor deixar como está, não convém mexer no governo se daqui a mais três ou quatro meses a Constituinte poderá determinar até a mudança de todo o Ministério pelas artes do parlamentarismo.

Como se sabe, a reforma não aconteceu. Minguou para a troca de quatro ministros e, assim mesmo, dois saíram por acidente. Ora, se não houve nada, se nada mudou, por que só o PFL deve despedir-se do Governo entregando a rapadura ao PMDB? Se não houve nada, fica tudo como estava.